

TECNOLOGIAS DA IMAGINAÇÃO: MÍDIAS, SENSIBILIDADE E COGNIÇÃO

Francisco B. Araujo (Doutorando do HCTE)

chico.b.araujo@gmail.com

Ricardo Kubrusly (Professor do HCTE)

riskuby@gmail.com

INRODUÇÃO

A pesquisa aqui sintetizada foi desenvolvida como parte de um projeto mais amplo que consiste em buscar formas de pensar a economia moderna a partir de suas zonas de exterioridades, isto é: (i) considerar as práticas econômicas modernas desde suas inter-relações estruturais com as práticas semiótico-econômicas dos povos para quem a economia não constitui um domínio independente; e (ii) tratar dos signos manejados pela teoria econômica desde suas inter-relações com o sistema formado pelo conjunto das ciências e técnicas modernas. Grosso modo, esta seria uma estratégia para tomar como objeto as relações entre sistema econômico moderno e a produção do saber – os modos pelos quais a nossa sociedade funciona e tenta tornar o mundo, natural ou social, inteligível, tecnicamente controlável e teoricamente explicável. No âmbito da presente pesquisa tratou-se especificamente de focar determinadas tecnologias de mídia e regimes de códigos como forma de acesso privilegiado à formação da cognição e da sensibilidade, integrantes de diferentes formas de socialidade.

PARTE I – Tecnologias da imaginação e grandes transformações cognitivas

O ser da codificação

Desde os primórdios da humanidade até os dias de hoje os seres humanos têm se engajado no mundo e constituído seus modos de vida por um complexo processo de co-evolução com os códigos, as técnicas e as diferentes mídias utilizadas para a comunicação. Dos mais primitivos sistemas gestuais aos modernos códigos computacionais, das pinturas rupestres, passando pela escrita alfabética, até o cinema e a internet, diferentes regimes de signos e ambientes midiáticos projetam e constituem, sem, contudo, determinar, modos de ser de seu usuário, formas de agenciamento do desejo, modos de engajamento com o tempo e mudança e determinados modelo de interação com as normas sociais.

O gesto e a fala

As belas gravuras que ilustra a edição do livro de “*The Expression of Emotions in Man and Animals*”, publicado por Charles Darwin em 1872, mostram semelhança entre expressões humanas e de animais. Ao apontar a semelhança entre o gesto humano e expressão animal Darwin foi um dos primeiro a indicar algo de fundamental; o gesto não seria, ao menos não apenas, um sistema de códigos ornamental e complementar à fala, sendo também um fruto de impulso fundamental, anterior e basilar em relação à palavra. É mesmo possível sugerir que no autocontrole dos gestos, que separa o original de sua reprodução socialmente sancionada, tornando o primeiro um referente para o segundo (mas também um “objeto perdido”, para

sempre inalcançável em sua integridade), esteja, não apenas a origem da técnica, mas também na origem da comunicação simbólica e do mundo codificado que constitui para o humano uma segunda natureza.

Segundo as pesquisas do neurocientista Terence Deacon o processamento cognitivo dos sons da fala não se centra na análise do som, mas sim na busca de identificar gesto vocal que o produziu. Há estudos que mostram que os movimentos gestuais costumam ser disparados algumas frações de segundos antes do início da fala (CF. Rotman, 2008). Tudo se passa como se a fala refletisse já uma realidade de segunda ordem, mas que, entremeada e em simbiose com gestos e semi-alienada de seu fundamento, pudesse fecundar o “real” (que concerne ao corpo em sua dimensão de gozo pulsional) com o “imaginário” (no que diz respeito à imagem corporal).

O traço

Não há quem olhe as pinturas de 17 mil anos nas paredes da Caverna de Lascaux, no sudoeste da região hoje ocupada pela França, sem emocionar-se. O homem pré-histórico, o artista da caverna, assim como o contemporâneo, era capaz de reduzir o mundo das circunstâncias ao mundo de imagens, congelando os eventos temporais em cenas gravadas sobre superfícies. Doravante, esta tecnologia da imaginação o impelia a abstrair-se das contingências para pensar de fora os eventos. O gesto que faz traços, na parede ou na tela, estabelece uma nova relação entre imaginário implicado nas cenas e o referente das circunstâncias em que cada qual ganha sentido a partir do outro – a relação entre a cena mítica original, atemporal e fixa, e a sua atualização no ritual; ou ainda entre o mapa e o mundo; o projeto e a obra.

Escrita, tempo e forma

Diversos autores atribuem ao surgimento da escrita abstrata, desde os alfabetos silábicos como o Hebreu, e o Fenício que lhe dá origem, até o aperfeiçoado alfabeto fonético grego (que ao acrescentar vogais passa a registrar os sons necessários para a fácil decodificação da “fala” transcrita) o surgimento de novos modos de pensamento e de composição, incluindo por um lado a compreensão linear do tempo e o monoteísmo, e por outro a topicalização, o reconhecimento de estruturas semânticas, o desvelamento de categorias lógicas e do pensamento conceitual.

Yawhe, o Deus dos Hebreus, que se revela na TORAH, é um Deus transcendente e abstrato, cuja voz emana de fora do mundo físico, de dentro da consciência dos Homens ou do absoluto. Segundo Rotman, trata-se de um Deus que se identifica aos efeitos da palavra escrita (op. Cit.). Esse Deus que demanda que os Judeus libertem-se das amarras impostas pela natureza, a dependência do Nilo e de seus ciclos, e vagueiem pelo deserto, em nome de um conceito, “liberdade” – estabelecendo uma aliança moral que se realiza na cronologia linear.

O alfabeto fonético grego teria facilitado a escrita e a leitura, possibilitando o espraiamento da literatura (o contrário de permanecer condicionados à interpretação dos sacerdotes-escritas em um só corpus, como no caso Hebreu, ou de uma burocracia proto-imperial em escritos técnico-instrumentais, legais e contabilísticos, como nos caso Fenício), e conseqüente ocorrência do chamado “milagre grego”. Para Eric Havelock, o aparato grego de escrita, por extrair da fala a idéia fundamental da unidade constituída pelos fonemas, em si mesmo a-significantes, e desta forma segmentando o fluxo da fala em uma mensagem fixa, reproduzível, examinável e livre de contexto, teria criado o enquadramento semiótico e psicológico do pensamento abstrato grego – em que se constituem oposições como: razão e

emoção; argumentação racional e encantamento pelas palavras; inteligível e sensível; *psyché e soma, logus e muthus* etc.

A história do Ocidente costuma ser referida a duas principais matrizes mito-históricas, a judaico-cristã e a greco-romana, cada qual se constituindo a partir de novidades sem precedentes em relação às culturas dos antigos impérios de base agrícola. Não é exagero afirmar que, a despeito das inúmeras influências que recebeu o Ocidente, somos, em certo sentido, descendentes dos Gregos no que tange a racionalidade e cristãos no que diz respeito aos valores. Pode-se falar de origens mito-históricas, considerando que estas são origens reais na medida mesmo em que são continuamente referidas como estruturas perenes de interpretação do presente. Tanto mais porque os registros escritos que nos foram legados pelas referidas coletivos carregam em si a concepção de uma proto-história, mais ou menos populada pelo imaginário mítico – operando uma passagem contínua entre mito e história. Nas palavras de Villen Flusser: “Com a escrita começa a história não porque a escrita grava os processos, mas porque ela transforma as cenas em processos” (Op. Cit.).

PARTE II – Mídias e contemporaneidade

O capitalismo de produção

Segundo Flusser:

“A invenção da tipografia reduziu os custos dos manuscritos e possibilitou uma burguesia em ascensão se inserir na consciência histórica da elite. E a Revolução Industrial que arrancou a população ‘pagã’ das pequenas aldeias, de sua existência mágica, para concentrá-la como massa em volta das máquinas, programou essa massa com códigos lineares, graças à imprensa e a escola primária. O nível de consciência histórica se torna universal no decorrer do século XIX, nos chamados países ‘desenvolvidos’, pois esse é o momento em que o alfabeto começa a funcionar como código universal.” (CF. Flusser, 2007:134).

Como aponta Luiz Sérgio Coelho de Sampaio, a revolução industrial se dá a partir do momento em que o Homem passa criar formas eficientes a controlar em larga escala fontes naturais de energia: carvão, quedas d’água, vento, petróleo etc. Desse momento em diante, a principal função do homem é a de exercer a função informacional de controle da máquina. Explora-se o homem não pelo seu potencial energético, mas na medida em que ele é o animal mais facilmente adestrável e programável em linguagem de alto nível – algo que é garantido pela educação universal (CF. Sampaio, 1988). Contudo, se a escrita universaliza-se como modo de programação do trabalho, a sua hegemonia não é definitiva. As imagens, como veremos, vão assumir uma importância crescente como instrumento de manipulação do desejo – evento prenunciado pelos movimentos totalitários e gradualmente incorporado pelo empreendimento capitalista.

O capitalismo de marketing

Durante o final do século XIX e início do século XX, a teoria econômica era caracterizada por um considerável pluralismo de crenças, teorias e métodos. No entanto, a ênfase dada ao trabalho como fonte de valor pelos teóricos clássicos ingleses do início do século XIX, será desafiada quase simultaneamente por economistas de diferentes tradições nacionais, no que se convencionou chamar de “revolução marginalista de 1870”. As novas teorias que surgiam tinham em comum o fato de passarem enfocar as características do

consumidor como avaliador de bens – substituindo a produção pela demanda como objeto central das análises econômicas.

O programa de matematização dos princípios marginalista conquistou credibilidade durante a primeira metade do século XX e, paulatinamente, a teoria formal sobre o comportamento maximizador dos agentes econômicos pode integrar também o problema da produção – finalizando a constituição do chamado programa de pesquisa neoclássico. Datam também do início do século XX as teorias de do russo Nicolai Kondratiev sobre os ciclos econômicos longos, que constataram a importância que, por um lado as inovações tecnológicas e, por outro, as expectativas humanas teriam na nos movimentos econômicos.

Com a descoberta do inconsciente pela psicanálise, estava pavimentado o caminho que levaria à constituição de um modelo produtivo que não mais se contentava apenas em controlar as mentes e os corpos por meio das mídias e máquinas – transformando os gestos em trabalho, o traço em diagrama, a escrita em programação, o tempo linear em matriz de acumulação e a história em progresso – mas passava a domesticar o próprio vigor desejante mobilizado pelo imaginário. A inovação midiática e as técnicas de propaganda lograram produzir uma mais-valia do desejo, extraída pela superabundância de signos que impede a sua decodificação e pelo agenciamento de imagens. Passa-se do marketing de massa ao marketing de segmento, sucedido pelo marketing de nicho, o marketing de escopo e o neuromarketing.

Ocorre a exploração sucessivamente dos efeitos de novas mídias – com o cinema e o rádio, a devolução da narrativa linear à imagem e do texto à voz; com a popularização televisor, a possibilidade de dividir os homens em faixas de audiência; a criação dos PCs, próteses lógicas que passam a exercer funções de controle e das atividades e informações; a criação da internet, que permite compreender os indivíduos como cortes em um fluxo contínuo de informações; e mesmo as tecnologias de escaneamento cerebral, que produzem por artifício “o gesto” do sistema nervoso central. A utilização de ferramentas midiáticas para manutenção dos níveis de desejo e controle das expectativas torna-se cada vez mais fundamental às atividades econômicas e à constituição dos vínculos sociais, anunciando uma nova revolução cognitiva e sensível, mas ainda é muito cedo para prever as suas conseqüências.

BIBLIOGRAFIA:

FLUSSER, Villen (2007). *O Mundo Codificado*. São Paulo, Cossac&Naify

GOODY, Jack & WATT, Ian. 1968. “The Consequences of Literacy” in: GOODY, Jack. *Literacy in Traditional Societies*. London – New York – Melburne: Cambridge University Press.

HAVLOCK, Eric. *Prologue to Greek Literacy*. Cincinnati: University of Cincinnati Press, 1971.

JOHNSON, Paul. *História dos Judeus* (1987). Imago: Rio de Janeiro, 1995.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Mito e Significado*. Lisboa: Edições 70, 1978.

PORTER, Theodore M. e ROSS, Dorothy (2003) Eds. *The Cambridge History of Science, Vol 7, The Modern Social Sciences*. Cambridge University Press.

ROTMAN, Brian. *Becoming Beside Ourselves: the alphabet, ghosts, and distributed human being*. Durban & London: Duke University Press, 2008

SAMPAIO, Luiz Sérgio Coelho de (1988) *Lógica e Economia*, Rio de Janeiro, Instituto Cultura nova.

WEINTRAUB, Roy E.(2002) *How Economics Became a Mathematical Science*. Durham and London, Duke University Press.